

Editorial

O presente número da Revista Lusófona de Educação (RLE) é, maioritariamente, ocupado pelo dossier *Decolonialidade da Educação: propostas para uma nova geopolítica do conhecimento*, organizado por Manuel Tavares e Eduardo Santos. Uma problemática cuja discussão é inquestionável nos dias de hoje. A ordem hegemónica, que emergiu com a modernidade e que foi inculcada pelos processos de colonização, precisa de ser discutida a partir de um olhar do conhecimento que não esteja contaminado pelos interesses e valores do poder instituído. Um olhar do conhecimento que não esteja rendido às necessidades e aos interesses estratégicos da economia de mercado. Precisamos de um conhecimento que dê voz aos que foram silenciados pela força dos que se autoproclamaram superiores. Este narcisismo político tem impedido uma compreensão e uma aprendizagem com tudo aquilo que foi considerado inferior e marginalizado. Precisamos de dar um novo sentido ao que aconteceu, ao que está a acontecer. Precisamos de um pensamento que seja capaz de compreender o que foi feito e esteja disposto a mudar de opinião. Por isso, nesta edição da *Revista Lusófona de Educação*, quisemos ampliar as reflexões sobre as políticas hegemónicas e posições contra-hegemónicas, para com isso ajudar a construir uma outra geopolítica do conhecimento.

Para além desse dossier, apresentado autonomamente pelos organizadores, outros artigos foram incluídos. O primeiro artigo, de Safary Wa-Mbaleka e António Pedro Costa, que tem por título, *Qualitative Research in the Time of a Disaster Like COVID-19*, sublinha que 2020 entrará na história como o ano em que o mundo foi desafiado por aquilo que muitos designam por um inimigo invisível, que teve a capacidade de mudar o nosso modo de viver.

Consideram, os autores, que esta é a pior pandemia moderna, tendo abalado todos os aspetos da vida humana. Pela novidade que invadiu o nosso quotidiano, a surpresa foi total, pois constatou-se que ninguém estava devidamente preparado para a COVID-19. A novidade desta pandemia abriu espaço para várias oportunidades de investigação qualitativa, para ajudar a entender e abordar as implicações sociais. Este artigo apresenta também o modelo *Crisis Recovery Stages*, que pode prestar algum auxílio aos investigadores. De referir ainda que o artigo gera também ideias para questões atuais, que podem ser abordadas através da investigação qualitativa.

O segundo artigo, de André D. Robert e Michele Ueno Guimaraes, intitulado *De uma Epistemologia clássica à ideia de uma inteligência pública das Ciências*, desenvolve o que alguns autores têm chamado de “modo 1 do conhecimento”. Nesta perspectiva, afirma-se uma concepção diferencialista da atividade de investigação, à qual nos encontramos ligados maioritariamente: as instituições de investigação dominantes são as universidades e as disciplinas apresentam-se claramente separadas; neste domínio predominam epistemologias de ruptura (modelo bachelardiano). Apesar da importante contribuição destas posições epistemológicas na investigação em Ciências Sociais, não podemos, contudo, ignorar o que estes mesmos autores designaram como “modo 2” do conhecimento e a sociedade característica do período contemporâneo. Os autores avaliam a relação entre esses dois modos de conhecimento, e discutem as questões colocadas pelo que se desenha hoje em torno de expressões como “Ciências cidadãs”, “Ciências participativas”, “community based research”.

Um terceiro artigo, de Maria Neves Gonçalves e José Brás, remete-nos para *As (re) configurações da educação: a dimensão socioeducativa*. Dizem-nos os autores que as Ciências da Educação (CE), para sobreviverem e se renovarem, não podem deixar de constituir-se como um lugar de articulação de interdisciplinaridades várias em torno da Educação. A educação é, por vocação e natureza, interdisciplinar. Qualquer fechamento disciplinar leva à incompreensão do processo que se quer educativo. É neste sentido que, para responder às diversas problemáticas sociais, emerge a Educação Social, entendida como um trabalho social e educativo, numa visão mais ampla quer de prevenção quer de ressocialização, tendo por base uma lógica interdisciplinar e transdisciplinar. Os autores concluem que o lugar da Educação Social, enquanto espaço de intervenção educativa e social, se está a configurar relevante na realidade socioeducativa.

Na secção de revisão, Aline Belle Legramandi faz uma análise crítica detalhada e problematizadora do livro *Epistemologias contra-hegemônicas: desafios para a educação superior*, da autoria de Manuel Tavares e Sandra Gomes. Publicado em 2019, sob a chancela da Editora Appris, sediada em Curitiba, a obra, pela sua qualidade

científica, deverá ser de leitura obrigatória para todos aqueles que trabalham na Educação, pelo desafio que coloca aos leitores e investigadores. No horizonte de leitura do livro, impõe-se uma reflexão sobre novos modelos e paradigmas que respondam à diversidade epistemológica e cultural da contemporaneidade.

Lisboa, Julho 2020

António Teodoro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7819-0498>

José V. Brás

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0374-748X>

Maria Neves Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2531-4618>